

Hegemonia e concentração de mídia no Centro Oeste Brasileiro em leituras da textualidade midiática do Grupo Zahran¹

Marcelo Natal Borges de JESUS FILHO²

Filipe Damacena Sobral Alves da CUNHA³

Lais Soares de BARROS⁴

Daniel Paiva de MACÊDO JÚNIOR⁵

Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças, MT

RESUMO

As dinâmicas de tessitura de hegemonias culturais a partir da concentração de mídia se conformaram como objeto de atenção no percurso de realização e de pesquisa da disciplina de História da Comunicação e do Jornalismo. Confrontando iniciativas de comunicação e posicionando-os em meio ao xadrez das dimensões políticas e econômicas dos grupos e famílias que a gerenciam, a jornada de investigação se propõe a interrogar o locus praticado por empresas jornalísticas ao desnaturalizar o lugar de poder por elas praticado neste momento e, com isso, lançar vistas aos processos de consolidação histórica que embasam as movimentações contemporâneas.

Para isso, nos amparamos em Gramsci (2002) ao dispor sobre hegemonia como um conjunto de normativas e de orientações sociais capazes de exercer dominação não apenas por meio da força – que não é abolida das tratativas políticas e de dominação em nossos tempos – mas também pela assepção de costumes e valores socialmente preconcebidos. Nisto, a hegemonia cultural está intimamente relacionada à concentração de riquezas e de poderes figurada socialmente na “combinação da força e do consenso, que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante em muito o consenso” de modo que, em conjunção, “a força pareça apoiada no consenso da maioria, expresso pelos chamados órgãos da opinião pública – jornais e associações – os quais, por isso, em certas situações, são artificialmente multiplicados”, explica Gramsci (2002, p. 95).

¹ - Trabalho apresentado na IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2022.

² - Estudante de Graduação Curso de Jornalismo da UFMT em Barra do Garças, email: marceloborgesjor@gmail.com

³ - Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UFMT em Barra do Garças, email: lip_cunha@hotmail.com

⁴ - Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UFMT em Barra do Garças, email: laisoaresbarros@gmail.com

⁵ - Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da UFMT em Barra do Garças, doutorando em Comunicação Social na UFMG. email: daniel.3macedo@gmail.com

É justo, pois, ao pensar hegemonia como uma dimensão em disputa na sociedade e que tem as empresas jornalísticas como um agente de relevância; tal qual importa ponderar que estas iniciativas, articuladas a outros esforços econômicos e políticos do grupo que a mantém, se posicionam como um exercício de poder ao praticar concentração midiática e ao exercer lugar de referência na disputa narrativa sobre as pautas de interesse social. O reconhecimento da hegemonia como um processo socialmente construído “não é, exceto analiticamente, um sistema ou uma estrutura” como bem adverte Raymond Williams (1979, p. 15) ao entendê-la como um processo de negociação que convoca o conflito, o contrassenso e a disputa. Nestes termos, os movimentos de demarcação da hegemonia urgem como fenômeno de interesse aos estudos em comunicação social e, não por menos, nos intimam atenção aos gestos e tensionamentos elaborados por diferentes sujeitos sociais.

Dada a complexidade de posicionar em profundidade as relações nutridas por diferentes agentes ao considerar as dimensões históricas que o sustentam, optamos, neste trabalho, por focar atenção ao Grupo Zahran e as empresas midiáticas que por ele são mantidas. A decisão se localiza por este ser um dos maiores conglomerados de mídias do centro-oeste e, tendo sido fundado em 1955, adotava primeira atividade comercial com a criação de companhia de fornecimento de gás liquefeito de petróleo (GLP), criando assim a COPAGAZ e iniciando um percurso que, posteriormente, ampliou-se para o mercado de comunicação.

Tomamos como referência o Monitor de Mídia Brasil realizado pelos Repórteres sem Fronteiras dado que estabelecem uma fotografia panorâmica da concentração de mídia no país, além de articular essas dimensões aos aspectos contextuais do território e das nuances econômicas e políticas dos envolvidos. Na intenção de elaborar uma caracterização densa e de dimensões históricas que nos permita compreender o Grupo Zahran em meio às dinâmicas de disputa por hegemonia social, tomamos os agentes em meio as derivas históricas como um texto em potência de ser lido e que nos diz informações relevantes neste exercício.

Deste modo, realizamos esforços de leitura das textualidades midiáticas ao destacar o grupo como uma dimensão aberta “às múltiplas leituras” e, logo, posicionar “as mídias como metáforas narrativas [que] são textualidades cuja tessitura deve ser laboriosamente escrutinada” como nos ensina Carvalho (2016, p. 264). Interrogamos o Grupo Zahran a partir dos rastros de constituição histórica e, com isso, dimensionamos

as dimensões políticas e econômicas hoje constituídas como uma textualidade midiática por onde identificamos ser “possível entendermos jogos de poder, regimes de visibilidade e invisibilidade fora das textualidades constituintes e constituídas nas e pelas mídias” como orienta Carvalho (2018, p. 87).

Com o percurso de caracterização do grupo e de leitura da textualidade midiática, dimensionamos que foram necessários 10 anos para o grupo se inserisse no setor de comunicação com a criação do que hoje nomeamos por Rede Matrossense de Comunicação - RMC, congregando as atividades iniciais operadas com a criação da TV Morena no Estado do Mato Grosso do Sul em articulação com a recém-criada TV Centro América de difusão no Mato Grosso. Elas dispõem de sete filiais, nas cidades de Campo Grande, Corumbá e Ponta-Porã na atuação da TV Morena; e em Cuiabá, Rondonópolis, Sinop e Tangará da Serra com atuação da TV Centro América.

Identificamos que elas foram criadas com o intuito de retransmitir as programações de São Paulo para os estados do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul. Assim, já foram afiliadas da TV Excelsior (1965-1969), da Rede Tupi (1964-1979), da REI (1969-1979) e da Rede Globo (1979-atualmente). A transição para a Rede Globo marcou a ampliação da RMC nos pontos de audiência com os públicos da região em movimento crescente no que diz respeito às relações de concentração de mídia, mas também de homogeneização nos processos narrativos por elas impetrados.

Ao dimensionar o poderio que o grupo exerce com a infraestrutura televisiva na região que, articulada com a maior rede de comunicação do país, nos intima a problematizar os riscos da concentração midiática na pluralidade de narrativas no contexto do Pantanal – se olharmos com atenção às dinâmicas que aqui se praticam – mas também sobre o Pantanal – se considerarmos o lugar de referência que o Grupo Zahran se posiciona para narrar o território em transmissões nacionalizadas da Rede Globo.

Tomamos como problemático que um pequeno grupo de pessoas exerça o poder de tensionar o cotidiano ao circular versões para um número expoente de pessoas. O Grupo Zahran, em 2020, comprou a LIQUIGÁS e a fusão com o patrimônio da COPAGAZ o posicionou como a maior empresa de distribuição de GLP do Brasil. O controle do grupo no mercado de GLP e na concentração midiática tem fortes relações de agendamento político em um projeto desenvolvimentista para o Centro-Oeste que, combinados, dimensionam a produção jornalística como defesa das pautas de interesse

lucrativo e como cortina de fumaça das agendas que se opõem e que tensionam o grupo e as fontes de renda.

É justo notar que as empresas de GLP são maiores e mais lucrativas que as emissoras, tanto em valor de mercado, quanto em funcionários e faturamento; mas é válido citar que a posição social das emissoras exercida na região confere um capital social relevante que posiciona o Grupo Zahran e o mercado do gás em lugar de privilégio nas lógicas de composição de hegemonia no Centro-Oeste brasileiro.

Os interesses de controle midiático do grupo Zahran são de natureza monopolista. Identificamos a existência de negociações realizadas em 2018 para a aquisição do grupo Jaime Câmara, que reúne a TV Anhanguera em Goiás e em Tocantins que já são afiliadas à Rede Globo, o Jornal O Popular, o Jornal Daqui e o Jornal do Tocantins, a Rádio Araguaia, a CBN Goiânia, a CBN Tocantins e a Executiva FM. A ideia dos Zahran se assemelha ao que ocorre na Rede Amazônica de Televisão, no norte do Brasil, e praticar controle das principais mídias no Centro-Oeste. Por fatores que não estão nítidos, as negociações não avançaram. Contudo, não podemos deixar essa informação despercebida porque revelam os interesses de concentração de renda do grupo e atestam os perigos do controle único das maiores empresas de comunicação na região sob o jogo de interesses de uma mesma família.

Ao fim, é justo considerar os impulsos e as evidências de monopólio praticados pelo Grupo Zahran conferem riscos a democracia e a pluralidade de opiniões; bem como o posicionam como um agente relevante na composição de hegemonia social e cultural. Cabe, portanto, tensionar o lugar social por ele praticado e as narrativas por ele elaboradas tomando-as como produções parciais, atravessadas e mobilizadas por um viés de interesses econômicos e políticos que não podem suplantar ao esquecimento.

PALAVRAS-CHAVE: hegemonia; concentração; economia política; Grupo Zahran.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Carlos Alberto de. As mídias como metáforas narrativas: apontamentos sobre a necessidade metodológica de não desprezar as textualidades. IN: MOURA, Cláudia Peixoto de Moura; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (orgs). **Pesquisa em comunicação:** metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2016.

_____. Com a mídia, sem a mídia, contra a mídia: reflexões sobre o processo de
mediatização e o midiacentrismo. In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto;
ALZAMORA, Geane (org). **Textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCom UFMG, 2018.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere** - Maquiavel, notas sobre o Estado e a política. Rio
de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.